

ASCÉTICA MÍSTICA

© 2011 CAFH

Todos os direitos reservados

INDICE

1. A YOGA DA INDIA	3
2.A ESCALA DE PERFEIÇÃO CRISTÃ.....	5
3.AS TRÊS NORMAS DA ASCÉTICA	9
4.O DIRETOR ESPIRITUAL	11
5.O RETIRO	14
6.DESORIENTAÇÕES PSÍQUICAS	17
7.A ORACÃO	18
8.A MEDITAÇÃO	20
9.MEDITAÇÕES METODIZADAS.....	24
10.A CONCENTRAÇÃO.....	27
11.ENTRADA NO SILÊNCIO.....	29
12.EXERCÍCIOS DE CONCENTRAÇÃO.....	31
13.A CONTEMPLAÇÃO	32
14.A MORTE MÍSTICA.....	33
15.A UNIÃO.....	35
16.SÍNTESE DOS GRAUS MÍSTICOS	37

A YOGA DA INDIA

Primeira Ensino

Os povos da Índia, desde o alvorecer de sua civilização, foram impulsionados para a prática do misticismo.

Desde os primeiros discípulos dos Grandes Iniciados da nova raça até os moradores misteriosos dos Himalaias, foi se formando uma infinidade de homens que dedicaram toda a sua vida ao estudo e à prática das coisas divinas e extáticas, deixando para a posteridade exemplos, escritos e documentos que foram a base de todas as escolas ascéticas, até os dias atuais.

Se quiser resumir brevemente o método extático da Índia para lograr a União com Deus, há de se conhecer as oito bases fundamentais, Yogângas, que para isto não adotado os hindus de todos os tempos.

- 1º Yama. Mudança de vida, isolamento do mundo, desinteresse ou renúncia a tudo quanto possa servir para o recreio dos sentidos, a purificação de costumes.
- 2º Niyama. Purificação interna dos sentidos e da mente; reta intenção e despreocupação pelos bens materiais. Jejuns, mortificações e estudo dos textos sagrados.
- 3º Âsana. Postura adequada para a meditação, modo de colocar os braços e cruzar as pernas. Genuflexões.
- 4º Prânâyâma. Domínio da respiração, regularização do alento vital. Este exercício se divide em três partes: 1º Pûraka - inspiração do alento. 2º Rechaka, regularização do alento. 3º Kumbhaka, retenção do alento.
- 5º Pratyâhâra. Abstração dos sentidos, domínio das sensações, eliminação dos desejos.
- 6º Dhâranâ. Concentração mantida sobre um objeto até conhecê-lo em todas as suas mínimas partes; separar toda ideia da mente que não seja o dito objeto.
- 7º Dhyâna. Concentração contemplativa de um objeto, com tal intensidade de atração que se o absorve em si.
- 8º Samâdhi. Êxtase ou consecução da União com Deus. É a União do discípulo com Deus e o Supremo Grau da Yoga. A alma, por contemplação extática, logra a Suprema Consciência, convertendo-se no Todo.

Estes três últimos exercícios, Dhâranâ, Dhyâna e Samâdhi, são designados coletivamente pelo nome de Samyama.

Embora estas bases, em todas as escolas da Índia, sejam indispensáveis, cada escola tem prestado maior atenção, especialmente, a um destes oito pontos, o qual tem sido considerado como mais importante para o exercício da meditação.

Porém, não seria demais dizer, que não se pode lograr nenhum deles em separado, porque estão tão estreitamente ligados entre si que conduzem, de um modo ou de outro, a uma única meta, que é a yoga.

O exercício contínuo sobre estes oito pontos tem dado lugar a muitos Caminhos Místicos ou Mârga:

1. Karma Yoga ou Karma Mârga: Caminho místico que busca Deus através da ação; especialmente, através do trabalho de caridade, através das obras religiosas. A alma chega à União Divina por meio da ação, por meio de uma ação de desapego.
2. Bhakti Yoga: Caminho místico de devoção amorosa; a alma se entrega totalmente, dando-se com infinito amor.
3. Hatha Yoga: Método místico de purificação física, de limpeza corporal, de domínio sobre os órgãos externos e internos; manejo do prâna.
4. Tantra Yoga: Caminho místico pelo domínio do poder sexual e dos poderes mágicos.
5. Laya Yoga: Caminho místico pela atenção constante sobre o som interno ou Nâda que se percebe fechando os ouvidos.
6. Chakra Yoga: Caminho místico através da meditação constante sobre os centros internos de força.
7. Mantra Yoga: Caminho místico pela repetição das palavras sagradas ou pela recitação mental de certas fórmulas com atenta meditação sobre o seu significado.
8. Râja Yoga: Caminho místico puramente mental e especulativo; é o método de regularização e concentração do pensamento. Pelo domínio da mente, o discípulo desenvolve todas as suas faculdades mentais.
9. Jnâna Yoga: Caminho místico através do conhecimento, do estudo da ciência e da busca da sabedoria.

Estes distintos métodos de ascética fomentaram a literatura mística e os que passaram por estes sublimes estados de oração, muitas vezes se sentiram impulsionados a transmitir para a posteridade as suas impressões; por isso existem no mundo textos incomparáveis e livros maravilhosos deixados pelas distintas escolas.

O mais antigo dos textos ascéticos é a Yoga-sûtrani de Patanjali, o qual, em um número reduzido de aforismos, descreve as diversas formas de evolução mística do ser até Deus.

Depois é o Bhagavad Gitâ, livro que descreve como Krishna, a Divina Encarnação, conduz Arjuna por todas as etapas até o Samâdhi.

No Nirûpana Chakra está descrito o alcance do Supremo Poder, mediante o desenvolvimento dos Chakras.

O Shivâgama, ensinanças de Shiva, é uma obra antiga, que não se encontra mais em nenhum lugar; unicamente existem fragmentos dela, extraídos de textos antigos; descreve a União com Deus mediante o domínio dos tattvas.

No Hatha Yoga Pradhipika e no Zivashamita está descrito como se consegue o poder físico que abre passagem para o poder espiritual.

E assim, por suas escolas e por seus métodos, seguem a Índia, os seus sábios e os seus ascetas, os seus sannyâsins, os seus brahmachârins, os seus pandits para a conquista de Deus e para a unificação do princípio humano com o Princípio Universal.

A ESCALA DE PERFEIÇÃO CRISTÃ

Segunda Ensinança

É muito importante conhecer a Mística Cristã para poder apreciar como o Ocidente pratica, com modo e nomes próprios, todos os exercícios ascéticos para chegar à União Divina.

Desde os primeiros tempos do cristianismo, na idade patrística, os monges do Oriente praticaram diversos exercícios metódicos que os levavam a altos graus de espiritualidade.

Os cenobitas, espalhados pelo deserto e pelos oásis do Egito, os quais moravam no convento do Mar Saba, lavrado na viva rocha de uma alta montanha inacessível, mais além do Jordão, eram testemunhas de exemplos admiráveis de santidade. Isto é interessante de se ler na vida de São Hilário, escrita por São Jerônimo, e na vida de Santo Antônio Abade, escrita por Santo Atanásio.

No ano 649, São João Clímaco, o superior dos monges que povoavam o Monte Sinai, deixou escrito um tratado de misticismo chamado "Escada do Céu" (Scala Paradisi), no qual, a partir de nove graus de desenvolvimento interno e metódico, chega a alma ao Êxtase e à União com Deus.

Porém quem escreveu os textos famosos sobre a Ascética Mística foi Dionísio, o Areopagita, nos anos 500, os quais são estudados até nos dias de hoje, especialmente "Os Nomes Divinos" (De Ecclesiástica Hierarchia) e "A Teologia Mística" (De Mystica Theologia).

No Ocidente, Cassiano, que viveu desde o ano 360 até 435, resume no "Compêndio do Instituto dos Cenobitas" (Institutata Cenobiorum Collationes) toda a ascética monacal dos quatro primeiros séculos, dando uma verdadeira orientação mística a seus leitores; e São Benito, que morreu no ano 543, com a sua famosa regra, facilita a vida ascética e a fomenta em seus conventos.

Porém, é na Idade Média, aquela grande época de pares de opostos, de fé que beira à loucura e ao ateísmo mais profundo, de santidade e de crime, é que surge uma Mística nova: a verdadeira Mística Cristã, que começa nas maiores misérias, na mais negra superstição, para culminar na mais ardente caridade e na mais perfeita santidade.

É um movimento que, surgindo a partir de poucos homens, abarcou, em poucos anos, milhares de seres e fez da religião cristã, muito dada a ritos e a pompas hierárquicas, uma religião renovada em espírito. É um movimento culminante; uma Ascética Mística de trabalho e de oração que tira os monges dos claustros e os torna Santos por aquele caminho que é a síntese de toda a Ascética Cristã: apostolado e oração, amor a Deus e amor ao próximo.

São Domingos de Guzmán (1170-1221) e São Francisco de Assis (1181-1226) são os promotores eminentes desta nova vida espiritual.

A Escola Dominicana contempla e trabalha com o seu famoso lema: "Contemplari et contemplata aliis tradere" (contempla e traz a outros para a contemplação).

Desta escola, rígida e fecunda, nasce uma sequência inumerável de grandes extáticos: Alberto Magno (1206-1280), que comentou os livros de Dionísio, o Areopagita; São Tomás, o Doutor Angélico (1225-1274) que escreveu amplamente sobre Ascética e chegou, ele mesmo, a mais alta contemplação; Santa Catarina de Siena (1345-1380) a qual viveu, na terra, transfigurada pelos estigmas e pelo amor em Cristo; o Beato Enrique Suso, que morreu em 1365 e deixou numerosos escritos sobre as suas experiências místicas.

A Escola Franciscana, poética e especulativa, por sua vez, leva a alma ao cume da perfeição pela prática de todas as virtudes, especialmente a pobreza, e pelo amor a Jesus Crucificado.

Os iluminados desta Escola são: São Boaventura (1221-1274), que compôs muitos tratados ascéticos e místicos; a Beata Ângela de Foligno, falecida em 1309, que escreve o livro das "Visões e Avisos"; Santa Margarida de Cortona (1247-1297) que de pecadora se transforma em uma alma que passa por todos os Caminhos Ascéticos até chegar às Bodas Espirituais ou ao Êxtase Divino; Jacopone de Todi, que morreu em 1306, o místico poeta que chega a Jesus Crucificado pela contemplação das dores de Maria; e Santa Catarina de Bologna (1413-1463) que ainda guarda sobre o seu rosto de múmia o beijo místico que recebeu de Cristo.

Outros místicos notáveis apoiaram e ajudaram às místicas Dominicana e Franciscana, especialmente, o Beato João Ruysbroesk (1293-1381), que fundou a escola Flamengo e escreveu o "Espelho de Salvação" e "As Galas das Bodas Espirituais", e Thomas de Kempis (1379-1471), autor de "Imitação de Cristo".

No entanto, a reforma de Lutero no século XVI provoca no Cristianismo Católico uma contrarreforma e novos tipos de mística se incorporam aos já existentes.

O gigante da contrarreforma é Santo Ignácio de Loyola que, com seus Exercícios Espirituais, ensina o Caminho Místico, através da vontade individual modelada sobre a Vontade de Cristo.

É o venerável Padre de La Colombière, morto em 1682, diretor espiritual de Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690), o que, por insistências de sua dirigida, promove a devoção ao Coração de Jesus: a unificação da vontade e dos sentimentos do homem à vontade e aos sentimentos de Jesus.

Porém à Escola Carmelita, fundada por Santa Teresa de Jesus (1515-1582), cabe a honra de fundar uma Escola Mística de pura contemplação, que tende a levar a alma desde a Humanidade de Cristo à Divindade Absoluta.

O discípulo desta escola, São João da Cruz (1542-1591), aperfeiçoou-a ainda mais, pois concebe como único resultado da contemplação, a total desaparecimento da personalidade humana na Imensidão Divina.

O sacerdote Miguel de Molinos, espanhol do século XVII, chega a aconselhar a aniquilação do Ser em seu "Guia Espiritual" e Fenelón (1651-1715) é o propagador de uma mística similar, chamada Quietismo. Porém este tipo de mística foi condenada pela Igreja.

O misticismo de São Francisco de Sales (1567-1622) é completamente humanista; uma consciência serena sempre posta em Deus; em todos os estados da vida se pode chegar à santidade.

A Escola Francesa do século XVII, fundada pelo Cardeal de Berulle (1575-1629), põe a Ascética Mística completamente a serviço do dogma da Igreja; todas as forças espirituais e psíquicas que a alma adquire, através da ascese, há de derramá-las sobre a Igreja para o benefício das almas e para atrasar a dita União Divina para a hora da morte ou para o mais além.

Do oratório da França e de seus admiradores veio uma infinidade de místicos os quais chegaram a ser de grande utilidade para a Igreja, como São Vicente de Paula (1576-1660), fundador das Filhas de Caridade; o padre Olier (1608-1657), fundador da Companhia de São Sulpício e S.J. Eudes (1601-1680), fundador da Congregação de Jesus e Maria e propagador das devoções aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria.

Resumindo todas as Escolas, a Mística Cristã se embasa em três pontos fundamentais: Purgação, Iluminação e União.

A Via Purgativa é a dos principiantes na meditação e é necessária para a purificação da alma, para tirar as escórias. É exercício indispensável para vencer as dificuldades dos principiantes e a falta de experiência na prática.

A alma não pode se purificar sem o exercício da penitência; esta a purifica das culpas passadas e a torna apta para resistir às tentações futuras; limpa e fortalece o corpo físico pelo jejum; acalma as emoções e vence as tentações com as práticas devotas, a mortificação dos sentidos, a prática das esmolas e das boas obras e põe sossego na mente, através do domínio das paixões e através da renúncia aos prazeres mundanos. Dessa forma fortalece as três potências mentais: memória, entendimento e vontade.

A Via Iluminativa põe o discípulo em condições de permanecer concentrado, por um certo lapso de tempo, com grande afetividade, sobre assuntos divinos. A prática positiva de todas as virtudes cristãs e a Imitação da Humanidade de Cristo são os primordiais exercícios. Na Via Purgativa, o exercitante discorria durante o tempo da meditação; porém agora deixa o discurso porque é a alma a que o entretém. Sua União com Deus se faz íntima e habitual, estimulado a isto pelo fervor e pela piedade e, assentando o fruto de sua experiência sobre a fé, a esperança e a caridade, alcança a plenitude do amor.

Há também perigo nesta meditação: os que gostaram dos bens espirituais da meditação, se não puder consegui-los, faz um esforço excessivo para voltar a possuí-los e, por não os alcançar, crê que perde seu tempo e deixa de praticá-la.

A Via Unitiva é uma mais íntima e extática União com Deus. Segundo o ditado "Ambulare cum Deus Intus", a União Simples é uma olhada persistente e amorosa para Deus a qual se prolonga por um tempo maior ou menor, voluntariamente, mas que chega a ser contínua, ainda que sem a intervenção da vontade. Os efeitos são uma santificação cada vez mais íntima da alma, uma compreensão extraordinária dos dons do Espírito Santo e um amor inefável às coisas Divinas.

Na Mística Cristã há diversos graus de União Divina:

A Oração de Simplicidade é um estado da alma no qual não cabe nada mais que a serenidade de ver-se e saber-se na presença de Deus.

Em seguida, a Contemplação Infusa, que é uma visão intelectual que procede de Deus, junto com um claro entendimento e amor pelas coisas divinas.

Vem, em seguida, a Oração de Quietude; é esta, às vezes, árida e dolorosa; outras vezes suave e agradável; a alma fica suspensa entre o céu e a terra, dolorosa ou feliz; nem a mais leve brisa, nem um pestanejar turva o sossego espiritual.

Pela União Plena, a alma vai se transformando paulatinamente em Deus até ficar não só com a vontade, mas com todas as potências da alma suspensas, quando se encontra na Presença Divina.

Depois vem a União Extática, chamada Desposórios Espirituais; os sentidos se suspendem e a mente é absorvida completamente por Deus até chegar à imobilidade; ainda que ela pudesse querer, não poderia escapar dali.

A União Extática tem três matizes distintos: o Êxtase Simples que é um desfalecimento da alma nos braços divinos; o Arroubamento que é uma impetuosidade e violência que arrebatava

irresistivelmente; e o Voo do Espírito que é um sentimento de compreensão divina tão grande que parece querer arrancar a alma do corpo.

O último e mais alto estado da Extática Cristã é a União Transformante ou Matrimônio Espiritual, que é uma total intimidade, sossego e indissolubilidade com Deus.

Os efeitos destes Êxtases são: maior santidade de vida, desapego perfeito das criaturas, imensa dor pelos pecados cometidos, visão frequente da humanidade de Jesus e uma vida terrena completamente celestial, divina.

Vários fenômenos psíquicos se sucedem aqui: frequentes visões corporais, imaginativas e mentais; recebem-se frequentes toques divinos, compreendendo-se repentinamente e infusamente coisas que aparentemente não têm explicação.

Em alguns, é tanta a elevação que sentem que têm êxtase ascensional ou de elevação, no ar, do corpo físico, o chamado voo extático ou marcha extática; caminham velozmente sem tocar o solo, como aconteceu com São José de Cupertino que, voando, levou uma pesada cruz, depositando-a no lugar adequado; e, às vezes, caminham sobre a água, exercício ascético chamado Transfretação.

Estes seres podem emitir aromas luminosos ou perfumados; praticam abstinências prolongadas e chegam a uma imitação tão grande do Mestre que têm até estigmas em seus corpos.

Não exclui, a Mística Cristã, as baixas formas de Meditação que podem trazer a obsessão, que é uma tentação mais violenta e duradoura que a comum, e a possessão, que é uma presença contínua do espírito do mal no corpo do praticante.

AS TRÊS NORMAS DA ASCÉTICA

Terceira Ensino

As palavras "Ascética Mística" querem explicar o processo que faz a alma, por seu próprio esforço ou pelo impulso de seu destino ancestral, para realizar Deus.

A palavra "Ascética" refere-se, em particular, ao exercício ou ao esforço controlado, e a palavra "Mística" se refere ao ato de a alma unir-se, parcial ou totalmente, com Deus,

Não se deve imaginar esta Mística União como uma linha traçada para adiante, pois não existe coisa alguma no Universo criado que siga uma linha reta; mas há que imaginá-la como uma luminosidade oscilante, dirigida para um centro determinado.

Os dualistas, criacionistas ou animistas, foram os que mais se esforçaram para alcançar esta Mística União; o próprio conceito de sua doutrina assim o exige, já que diferencia totalmente o espírito da matéria. Esse conceito infunde nas almas um anseio veemente de elevação desde a matéria até o espírito. Por isso as filosofias dualistas têm tido grandes místicos especulativos que alcançaram a União com Deus.

Nem por isso, os absolutistas, monistas e panteístas deixaram de ter seus grandes místicos; porém, sempre, a sua mística teve um sentido mais passivo do que especulativo.

No entanto, em todos os seres humanos, sobretudo entre aqueles que chegaram a um determinado ponto do Caminho de Evolução, manifesta-se essa tendência a realizar o sentido intuitivo do espírito.

Todos os grandes seres chegarão, em momentos de grande exaltação, a uma perfeita União com Deus, seja pelo esforço de um trabalho intenso ou por um abandono total de suas potências. Porém há os que, não só em momentos determinados da vida, querem experimentar este êxtase, mas provocá-los à vontade, através da disciplina e do exercício.

Desde tempos imemoriais houve homens que dedicaram sua vida à Ascética Mística. Se cotejarem todas as escolas e se resumirem todas as ensinanças ditadas pela prática contínua, pela experiência adquirida e pelos estudos realizados, ver-se-á que a medula de todos estes textos e filosofias consiste em três normas determinadas.

São as seguintes: 1º Método de Vida
2º Esforço Continuado
3º Domínio Mental

O Método de Vida é a reorganização celular do corpo físico que dispõe a matéria para a ascensão. Todo o conjunto do corpo físico há de eliminar as toxinas produzidas pelos maus hábitos e tomar substâncias novas e adequadas que permitam as vibrações espirituais chegarem, sem tropeços, aos centros cerebrais do exercitante.

Com o método de vida se afugentam, portanto, os obstáculos, sobretudo as enfermidades corporais, os hábitos morbosos do subconsciente, as debilidades nervosas, o desgaste excessivo de energias orgânicas e o tremor muscular, próprio daqueles que não estão acostumados às altas vibrações.

Esforço Continuado é a aplicação indispensável e contínua para alcançar o objetivo.

A preguiça mental adquirida, durante o tempo em que não se fez trabalharem os centros cerebrais adequados, é vencida pela aplicação constante do exercício da oração. A mente, pressionada pelo esforço da vontade, afasta as ondas e as imagens negativas e traça novos sulcos cerebrais, habituando o pensamento a fixar-se sobre assuntos divinos. Pelo Esforço Continuado as emoções vulgares se trasladam para o cérebro e perdem, à luz da análise, seu valor fundamental; o sentimentalismo é dominado e as formas imaginativas da mente se transformam em ideais ou imagens únicas que ajudam o exercício da meditação, em vez de prejudicá-lo com distrações.

Domínio Mental consegue, então, o exercitante. A alma se sobrepõe às ondas mentais e as domina; deste modo pode espelhar em si a imagem divina e sentir o êxtase da Presença de Deus.

O Domínio Mental, uma vez alcançado, guia a alma para Deus e para o êxtase por dois caminhos: pela especulação ou pelo relaxamento, pela oração ativa ou pela oração passiva.

A especulação fixa a mente, de um modo contínuo, sobre um único objeto, até que este penetre no próprio ser, transforme-se nele mesmo e a alma, por esse caminho, possa abismar-se na Essência Divina.

A relaxação afasta constantemente todos os pensamentos até que a alma, lentamente, vazia de tudo, não tem mais que um só pensamento: a Realização Divina.

No entanto, o método de relaxação não se realiza sem esforço. Alguns místicos põem o principiante neste caminho que é muito perigoso e que não é aconselhável. Há os que, por disposição ancestral, entram com muita facilidade neste caminho; porém, mesmo estes, no princípio, há que forçá-los para que sigam o caminho ordinário.

O homem não há de esquecer que é humano e que, embora a alma tenha possibilidades divinas, nunca há de rechaçar a alta missão que lhe foi confiada, a de ser homem simplesmente.

Há que rogar sempre, com humildade, para que os Mestres guiem a alma pelo Caminho Reto.

O DIRETOR ESPIRITUAL

Quarta Ensinança

No Caminho Ascético, para se chegar à Mística União da alma com o Divino, especialmente nos primeiros tempos, é indispensável um Diretor Espiritual que guie a alma pelo caminho que lhe convém.

Não se pode negar que há almas extraordinárias que têm direção especial, seja por parte de seu subconsciente ancestral ou, como acontece em alguns raros casos, diretamente dos Mestres que dirigem o movimento místico, desde o mundo astral.

O rei pitagórico Numa Pompílio, de Roma, era dirigido pela ninfa Egéria, a qual se unia por um estreito laço de amor espiritual, e não ditava nenhuma lei no governo de seu povo, sem consultar antes a sua bem-amada etérea.

Santa Catarina de Gênova nunca pôde ter um Diretor. Quando tentava pôr-se sob uma direção especial, acontecia algum fato extraordinário em sua vida que a fazia prescindir desse orientador. Porém, em troca, diariamente o próprio Mestre Jesus lhe aparecia, ilustrando-a e dirigindo-a continuamente.

Helena Petrovna Blavatsky tampouco pôde ter direção espiritual sobre a terra, pois os Mestres comunicavam-se diretamente com ela para dar-lhe as suas ordens. Essa mulher, tão excêntrica e de temperamento tão rebelde às ordens da sociedade, era completamente humilde e submissa à vontade d'Aqueles que, desde o mais além, orientavam o seu caminho.

Embora seja verdade, então, que haja almas excepcionais, orientadas diretamente desde o alto, a maioria dos místicos que não têm direção visível, especialmente os principiantes, mostram um estado lastimável em sua ascensão, se assim se pode dizer. Com efeito, a maioria deles vaga de um Mestre para outro, de um exercício para outro, de uma desilusão para outra, encontrando-se no fim tão desorientados e enredados em seus pensamentos, que têm de perder tanto tempo para desaprender o que foi aprendido e o que foi usado para aprender.

Tampouco podem ser eles matéria muito maleável colocados em boas mãos, porque a sua alma é como uma tela muito rabiscada, manchada de conceitos errôneos e de preconceitos que, poder-se-ia dizer, quase indelévelis.

A maior alegria, portanto, e a esperança mais segura para se alcançar a União Divina é encontrar um Diretor Espiritual.

Certamente, este é um assunto muito delicado; nunca será bastante ponderada aquela frase de Santa Teresa de Jesus, que dizia às suas monjas "Buscai um Diretor Espiritual que seja homem piedoso e de letras".

A missão de dirigir as almas para a perfeição é a mais digna que se pode encontrar sobre a terra; mas para isto é necessário ter uma vocação especial e amar as almas intensamente. Assim como o explorador quer viajar, o pródigo só quer gastar o seu dinheiro, o estudioso só vê os seus livros e a mãe, os seus filhos, o Diretor Espiritual só quer almas, só vive para conquistá-las, para acender o fogo divino nelas e fazer com que este fogo arda constantemente.

Dom Bosco exclamava: "Tenho sede de almas!" e Ramakrishna chorava e suspirava, clamando no telhado de sua casa... "Venham almas destinadas a mim!"

O Diretor espiritual deve ter, então, um amor irresistível pelas almas, uma comunicação espontânea e simpática, que atraiam todos aqueles com quem lidar e, também, dedicação ao estudo; tudo isto unido à prática da oração. Ele deve estar, além disso, adornado com todas as virtudes, generalizadas, sem que nenhuma sobressaia demasiadamente sobre as outras.

Esta simpatia espontânea era um dom característico de São Francisco de Sales, o grande diretor de almas. Uma dama disse, quando ele deixou Paris: “Ai, ladrão! Ele se vai e leva nossos corações”.

A pessoa unilateral que vê só um aspecto da vida ascética e pratica unicamente certas virtudes não pode ser um bom Diretor Espiritual, porque este não há de ser uma flor, mas um ramalhete de diversas e perfumadas flores.

Além disso, para triunfar e levar as almas a seu destino, ele há de ter um fino tato e não ser extremamente meloso. Deve ter uma cortesia e uma diplomacia que não tirem o lugar da disciplina e da severidade oportuna e um constante cuidado com a alma a ele confiada. Estes dotes hão de acompanhar sempre o Diretor Espiritual, como a sombra acompanha o homem.

Inácio de Loyola emprestava dinheiro a Francisco Xavier, quando este perdia no jogo, para fazer-se seu amigo e conquistar a sua alma, conforme o fez depois.

Houve um tempo em que Ramakrishna buscava assiduamente Vivekananda; porém, mais adiante, afastava-o de si sem piedade.

Monsieur Bérulle mandava Madame Acarie acompanhar seu esposo aos bailes, bem vestida e com roupa decotada, de acordo com os costumes daqueles tempos; que dançasse e desse atenção a todos, de acordo com a sua posição e condição, mas que levasse sob o seu vestido um duro cilício.

Helena Petrovna Blavatsky usava com o coronel Olcott mudanças das mais surpreendentes. Passava da cortesia mais refinada à maior severidade, quase instantaneamente, para exercitar a paciência desse valente homem.

Um dom característico do bom Diretor Espiritual é o discernimento para conhecer aqueles que lhe foram encomendados pelos destinos superiores e, quando eles tenham se submetido, tem uma segurança e uma autoridade indiscutível para fazê-los seguir a senda que mais lhes convém. Especialmente nos momentos difíceis e definitivos, deve ter um poder extraordinário para dizer-lhes: “Teu destino é este ou aquele”.

Além disso, é preciso que tenha uma realização pessoal das práticas internas e externas da Ascética Mística. Os livros, o conhecimento e a referência não devem ser para ele mais que uma ajuda.

Às vezes, é tanto o amor que professa pela alma de seu dirigido, que conhece e experimenta, em parte, o caminho e os trabalhos pelos quais aquele deverá passar.

A ideia integral da obra do Diretor Espiritual em uma alma há de subsistir desde o início até o fim, sem variar, de tal modo que o dirigido não seja submetido à missão do Diretor Espiritual, nem que este se deixe arrastar pela missão característica do dirigido.

Uma vez eleito o Diretor Espiritual, não se pode mudar de orientação; correntes entrelaçam o Mestre e o discípulo, as quais vão mais além da vida e, assim como ele toma sobre si a carga

da ignorância do discípulo, este arca com a responsabilidade de sua vida material.

Em alguns casos pode-se trocar de direção, mas sempre é o próprio Diretor quem o aconselha ou é um fato extraordinário que o determina.

As relações afetivas entre o Diretor Espiritual e o eleito não de ser extraordinariamente puras; entre eles há de haver mútuo respeito e ausência de qualquer excesso de familiaridade. Por trás da casca do corpo de seu discípulo, ele vê constantemente a luz brilhante do Espírito. Só assim ele não se detém na direção da alma e, sem pressa de que o eleito passe rapidamente de um estado a outro, vai elevando-o pouco a pouco, à medida que descobre a ação divina em seu interior, recordando sempre aquela frase divina: "As almas, há que se impulsioná-las mais do que arrastá-las. As rosas, quanto mais se tocam, mais rapidamente murcham".

Embora existam distintos tipos de místicos, em todos os casos é indispensável uma boa Direção Espiritual.

Há três tipos de místicos: os solitários, os ordenados e os giróvagos.

Os solitários são homens que não abandonaram o mundo, mas que vivem sob a orientação de um Diretor Espiritual a quem obedecem e respeitam em tudo.

Os ordenados, além de ter um Diretor Espiritual ao qual obedecem cegamente, vivem junto com ele na mesma casa ou no mesmo mosteiro.

Os giróvagos não têm um determinado guia ou Diretor Espiritual e se deixam levar por seu instinto ou pelo que creem ser inspiração divina.

Os solitários obedecem estritamente a seu Diretor Espiritual e se submetem, no método de exercício e na disciplina interna, completamente à sua vontade. Fundam sua fé em uma total confiança nele, indispensável para a realização.

Quando Saulo é ferido por um raio divino, a caminho de Damasco, pergunta: "Senhor, que queres que eu faça?" e lhe é respondido: "Entra na cidade e te será dito o que deves fazer". O Espírito Superior nega-se a dirigi-lo no começo, mas envia-o a Ananias, para que a experiência do homem colabore com a Graça Divina.

Os místicos ordenados, que vivem em comunidade com o Diretor Espiritual, predominam principalmente entre os orientais. É indispensável para um chela hindu viver junto a seu Guru e obedecer-lhe cegamente. A obediência cega limpa a mente de todo preconceito passado e põe o ser em harmonia com as forças do Guru, tornando-o apto para alcançar os mesmos êxitos psíquicos e espirituais.

Os chelas da Índia até meditam sobre a forma física de seu Mestre e imaginam durante a meditação que este está sentado sobre o pequeno chakra do coração, chegando a identificar-se com ele.

Os místicos giróvagos, que não têm diretamente um Diretor Espiritual, ao empreender um caminho desconhecido e cheio de perigos, podem chegar a perecer.

O RETIRO

Quinta Ensinança

O Retiro Espiritual, o afastamento completo do mundo, durante um período do ano, é indispensável para o bom desenvolvimento dos exercícios ascéticos.

O discípulo, quando está bem adiantado na concentração, pode abstrair sua mente, seja na mais silenciosa caverna ou na mais ruidosa metrópole, mas, como postulado disciplinar, deve buscar periodicamente o seu afastamento do mundo.

Assim como os empregados de uma empresa esperam ansiosamente o fim de semana para sair da cidade, ir ao campo, tomar ar e viver livremente em contato com a natureza, com o objetivo de tonificar seu corpo físico, assim também a mente necessita de descanso e mudança de ambiente para impregnar-se de magnetismo e renovar seu vigor.

Durante o ano podem ser feitos diversos Retiros Espirituais:

- Um Retiro anual
- Um Retiro trimestral
- Um Retiro de um dia

O retiro anual há de ser o mais afastado e rigoroso. Busque um lugar silencioso, longe dos ruídos e do ponto habitual de residência e procure o discípulo deixar completamente toda preocupação. Pense que rompeu com o mundo e que já não tem emprego, nem família, nem amigos, nem responsabilidades. Procure não falar em absoluto de coisas atinentes a sua vida privada, para que nenhum pensamento estranho turbe a sua mente. Como esse Retiro anual quase sempre é feito em comum com outros companheiros, seja em tudo obediente a quem dirige o Retiro e aos horários estabelecidos.

Escute as ensinanças e conferências com suma atenção, procurando reter os principais pontos em sua memória para considerá-los posteriormente.

Em seguida, saia ao ar livre, revigore o seu corpo com trabalhos manuais, com adequados exercícios respiratórios e com banhos em água natural do rio, mar ou cascata.

Depois faça um longo passeio, fazendo com que a mente não pense em nada fora das formas naturais que vai observando pelo caminho.

Ao regressar, ponha-se a estudar as ensinanças relacionadas à meditação do dia, até a hora da refeição.

Nos recreios converse sobre coisas espirituais ou úteis, sem rir em demasia nem se abstrair da conversação comum, nem entrar em choque com os companheiros.

Nas horas que não sejam de passeio, manterá o mais absoluto silêncio.

Pela manhã, eleve seus pensamentos à Divina Mãe a aos Mestres, para que orientem o dia em direção ao nobre fim estabelecido e, se não estiver prescrito de antemão, escolha um tema de oração para ser guiado por ele durante todo o dia. Depois, faça sua hora de meditação

Depois do almoço terá um descanso prolongado para que os sonhos continuem o trabalho da mente.

A tarde há de ser repartida, mais ou menos, como a manhã. Antes de deitar-se, ao fazer o exame retrospectivo, o discípulo procurará recordar os temas e as palavras que mais lhe despertaram a devoção e a atenção durante o dia, para anotá-las, e para que lhe sirvam de orientação, uma vez terminado o retiro.

O retiro trimestral será feito como o retiro anual, com pequenas variações.

Se não for possível ter ensinanças e conferências, o próprio discípulo determinará para si mesmo os temas para a meditação diária, ou para lê-los em um livro adequado.

O Retiro de um dia, cada um pode fazê-lo em sua casa particular ou ao ar livre.

Há pessoas que tem em sua casa um lugar destinado unicamente à oração e ao estudo; um pequeno santuário onde ninguém entra e que se mantém puro com orações e santos pensamentos. Ali o discípulo pode retirar-se para meditar e fazer suas leituras espirituais e buscar alento nos momentos difíceis.

O horário dos Retiros em comum será o seguinte: pela manhã, ao se levantarem, terão uma hora para o asseio; depois, terão meia hora de meditação. Não tomem alimento de nenhum tipo antes deste exercício; depois da meditação então se fará o jejum. Usem meia hora para fazer isto. Em seguida, será a ensinância, a qual durará uma hora. Terminada esta, farão os trabalhos manuais.

Façam os trabalhos do melhor modo possível, sem interferir no trabalho do outro, e não conversem a não ser que seja por coisas indispensáveis.

Terão depois meia hora para o almoço e meia hora para o recreio.

Depois, haverá o silêncio rigoroso, durante o qual não somente não se falará, mas também cada um se manterá no dormitório ou lugar apropriado, evitando todo ruído que incomoda.

O silêncio da tarde durará duas horas. Depois estudarão até a hora do refrigerio, para o qual terão meia hora.

A seguir será ditada a conferência, a qual durará meia hora. Haverá em seguida meia hora de meditação e depois irão para o passeio até a hora do jantar. Durante o passeio, vão todos juntos, sem se afastar nem formar grupos à parte e conversem somente sobre coisas espirituais.

Depois do passeio, terão meia hora para o jantar e meia hora de recreio. Em seguida, terão meia hora de leitura espiritual e um quarto de hora para o exame retrospectivo.

Depois, haverá o silêncio rigoroso e serão fechadas com chave todas as portas da casa.

Durante a manhã do último dia de Retiro, será feita uma exortação e, após o almoço, será encerrado o Retiro, permitindo-se aos Filhos que se entretendam, durante alguns momentos de sadio esparcimento.

Os próprios Filhos farão todo o trabalho necessário para manter a ordem, a limpeza e a alimentação, para que nenhuma pessoa estranha os perturbe nesses dias.

As Casas de Retiro ficam distantes das cidades. Procurem os Filhos ter nelas tudo quanto seja necessário e bastar-se a si mesmos durante os dias do Retiro.

Tenham uma ampla sala para o estudo e dormitórios bem arejados.

Para os Filhos que desejarem fazer um Retiro absoluto por alguns dias ou uma temporada, tenha pequenas casas apropriadas, com um ou dois aposentos, onde possam estar completamente afastados de todo o contato com o mundo e com os homens.

Antes de começar tais Retiros, providenciem os alimentos, fogo e roupa necessários para o tempo que esses durem. Um dos Filhos se encarregará de ir todos os dias recolher, em um lugar determinado, perto da casa, uma carta na qual o retirado expressará suas mais urgentes necessidades, e deixará depois, nesse mesmo lugar, o que for preciso, para que o retirado possa apanhá-lo assim que o mensageiro o tenha deixado.

Os Retiros podem ser efetuados ao ar livre, escolhendo-se um lugar afastado e solitário, e mantendo-se, aproximadamente, o mesmo horário dos outros Retiros.

Estes podem durar vários dias e até meses, quando os Filhos são enviados pelos Superiores para cumprir uma missão especial ou quando viajam em caráter de peregrinação.

Os Filhos da Divina Mãe amam, às vezes, as altas e as nevadas montanhas, ainda que não desdenhem de fazer suas casas nos vales sombrios e solitários. Às vezes souberam se esconderem em remotas e desconhecidas ilhas custodiando o Santo Graal. Mas quando é necessário para o bem das almas, sabem morar nas grandes cidades e nos centros de atividade. Todos, no entanto, suspiram continuamente por aquele lugar por Ela prometido, ainda não pisado por pé humano.

DESORIENTAÇÕES PSÍQUICAS

Sexta Ensinança

Embora uma alma possa começar o caminho ascético com fins pessoais, ao avançar nas práticas há de cair fatalmente na compreensão de que a única realidade que persegue não é a conquista de certos poderes, mas a União Divina. Se um ser, depois de haver feito certas experiências místicas, persiste em seu egoísmo pessoal, é arrastado por forças destruidoras malignas e se transforma no que se poderia chamar um mago negro.

Pela Meditação e pela concentração, as forças do Grande Elemento depositadas no plexo sacro sobem, voluntária ou involuntariamente, ao cérebro, até o centro coronário, para facilitar a Visão Divina. Mas, no místico extraviado e egoísta, estas correntes são desviadas pelo impulso pessoal do sujeito e são lançadas nos centros inferiores.

Este procedimento errôneo, se não levar ao desequilíbrio ou à desesperação, acarreta a depravação psíquica. O mago negro se rebela em unir as suas forças às Forças Eternas, à União Divina; quer retê-las em si para seus próprios fins; desafia Deus, e por conseguinte é, como Lúcifer, lançado à profundidade, ao abismo, abandonado a si mesmo.

O ser que perdeu o caminho é, por uma força que não pode sair dele, atacado por desejos horríveis e bestiais, desejos de sofrimentos físicos que chegam até ao automartírio. São conhecidas as práticas que certos faquires da Índia, de baixa categoria, impõem a si mesmos: dormem sobre camas de pontas de ferro, permanecem em uma postura inadequada até que os membros esforçados se atrofiem; ingerem porções de vidro triturado e cometem muitas outras loucuras.

Em consequência dessas aberrações, o corpo astral é influenciado diretamente.

O ser está protegido por uma radiação astral, assim como a casca envolve o ovo; esta impede que cheguem até ele emanções alheias ao seu tipo. Ao forçar inconvenientemente, com práticas psíquicas equivocadas, a sua roda controle, ela perde seu equilíbrio e deixa livre passagem para toda influência. Penetram então nesse círculo de proteção pensamentos alheios materializados, larvas mentais e seres elementais da natureza, que terminam por vampirizar e dominar a sua vítima.

Às vezes, isto chega a tal ponto que o ser já não atua por si mesmo, senão que é dirigido como um autômato por entidades perversas que se apossaram de seu círculo áurico. Chama-se a esses homens, como dizem os cristãos, de possuídos pelo demônio, ou como dizem os espíritas, obcecados. Trata-se, como sempre, da mesma coisa: forças energéticas mal orientadas estalam ao não encontrarem o reto caminho e produzem uma ruptura na aura astral.

Muitas vezes, as forças de defesa que ficaram no corpo astral podem repelir estas influências e o ser voltar à normalidade e à saúde, mas, em outros casos, somente a morte pode restabelecer o equilíbrio nessas almas.

A ORACÃO

Sétima Ensino

O homem e Deus são duas coisas aparentemente distintas, mas, quando tirados os véus da ilusão, o homem realiza Deus; então são como uma só coisa. Esta é a felicidade, o paraíso, e por isto o ser, na terra, ainda sem saber disto, anseia pela perfeição espiritual e por encontrar Deus.

A oração é o meio para encontrar Deus; a harmonia entre os sentimentos do coração e as forças mentais são os elementos para alcançá-lo.

A Oração é, portanto, indispensável para a realização; é a alavanca sobre a qual se assenta a vida espiritual e o seu êxito. Cristo disse: "É necessário orar sempre" ("Oportet semper orare-Lucas XVIII")

Oportet, é necessário. A Oração é uma necessidade e há de ser contínua, perseverante, até que transforme todos os atos diários, até mesmo os mais insignificantes, em uma Oração, em um Método de Vida.

Semper, sempre. Há que se esforçar continuamente para orar. É preciso ter sempre um controle sobre si mesmo para que a oração não se separe nunca da vida do homem e se converta em um Esforço Continuado.

Orare, orar. A Oração há de ter uma qualidade: a de buscar orar sempre do modo mais perfeito possível, transformando-se em Domínio Mental. A Oração é praticada de três formas:

1ª) Oração Operativa

2ª) Oração Vocal

3ª) Oração Mental

A Oração Operativa é efetuada, através de uma constante autodisciplina no trabalho, fazendo de todas as obras, pela ausência do desejo e pela oferenda humilde a Deus, uma realização. O discípulo não aspira ao fruto do trabalho, nem à satisfação pessoal e relativa, mas unicamente busca agradar a Deus e cumprir a sua Divina Vontade.

A Oração Vocal ajuda a elevar o pensamento e a purificar os afetos mediante as vibrações repetidas e prolongadas das palavras. O valor dos cantos litúrgicos, dos hinos sagrados, das orações conhecidas é indiscutível.

A Oração Mental se alcança pela observação continuada das coisas externas ou internas até conseguir fixar-se nelas mesmas de tal modo que se conheça a sua essência.

A Oração Mental é dividida em quatro partes:

1ª) Meditação

2ª) Concentração

3ª) Contemplação

4ª) União

A Oração Mental é ativa ou passiva.

É ativa quando determina e mede, até o extremo, a própria força de vontade; é passiva quando simplifica, até o extremo, o seu estado de consciência.

Na Meditação, as forças emotivas são transferidas desde o plano ordinário de atividade até o plano desejado, para o logro do amor Divino, alcançando o ser, através de uma purificação constante: humildade, renúncia, autodisciplina e uma grande devoção a Deus.

Na Concentração, através da fixação contínua da mente, são dominadas as forças mentais e se alcança: autocontrole, direção sobre si mesmo, conhecimento superior e uma clara iluminação mental.

A Contemplação é o estado extático no qual a alma, baseada unicamente na intuição, encontra e se une à essência das coisas.

A União é o momento em que a alma do discípulo se une intimamente à Alma Divina, perdendo toda comunicação com os planos inferiores, sensoriais e racionais.

A MEDITAÇÃO

Oitava Ensinança

A Meditação se refere aos efeitos sensitivos da alma.

A Meditação é um discurso imaginativo; é útil porque põe em jogo todas as forças mentais do ser, orientando-as para a obtenção da sensação desejada.

A Meditação se divide em duas partes: purgativa e amorosa. A primeira é apropriada ao começar o exercício; a segunda, para que o principiante não se canse e persevere no caminho. A Meditação purgativa mostra as chagas da alma com todo o seu horror e fetidez; mas não se deve permitir que a alma caia no desalento; a Meditação amorosa livra-a desse mal.

Os principais métodos para o exercício de Meditação são os seguintes: a Meditação lida, a Meditação dialogada, a Meditação sensitiva e a Meditação afetiva.

A meditação, seja purgativa ou amorosa, pode ser ativa ou passiva.

O ser não deve eliminar as paixões, matando-as ou buscando aboli-las quando eclodem na vida, porque desta maneira só se consegue a sua rebelião ou a aparente submissão, já que mais tarde renascem, em qualquer momento, com mais força e pujança. Em troca, canalizando-as, efetuando uma verdadeira transmutação de valores sentimentais, conseguirá vencê-las ou transformá-las definitivamente.

A meditação não é a finalidade da Ascética Mística, mas apenas um exercício para os principiantes. Há almas que, por serem muito escrupulosas, uma vez que tenham começado este exercício não querem abandoná-lo; porém há que evitar este perigo. A meditação é um exercício útil e indispensável no início, mas não é mais do que uma carga que é necessário deixar depois. No lago da mente, o exercício da Meditação ocupa um lugar que move as águas espirituais; algum dia haverá que tirá-lo, para que aquelas encham completamente o lago mental.

Muitos místicos dizem que Santo Ignácio de Loyola impôs a seus discípulos o exercício da Meditação, porém seria cometer uma grave injustiça com o esclarecido contemplativo afirmar tal coisa. O livro dos exercícios espirituais, onde o Santo descreve com tantos detalhes os diversos exercícios de Meditação, é apenas para principiantes; algo que, segundo ele, há que se fazer uma só vez na vida, ao começar o Caminho Espiritual. Em suas regras, não prescreve para os Jesuítas nenhum método de meditação determinado; isto só seria introduzido mais tarde em seu instituto. Ele estimulava e incitava as almas a fazer o exercício de Meditação quando começavam o Caminho Espiritual.

O exercício da Meditação é de grande utilidade e, assim que se note que uma alma tem tendências espirituais, há que orientá-la para que o pratique. Mais ainda, há de incentivar as almas para que comecem, especialmente, os jovens. É necessário não esquecer que, se a alma é chamada ao Caminho Ascético, basta que deseje encontrá-lo para já estar parcialmente nele. Se uma alma deixa o exercício da Meditação, fica atada ao Caminho Místico e tarde ou cedo haverá de voltar a ele.

A Meditação é um exercício que não é possível dizer por quanto tempo tem de praticá-lo cada alma. Algumas começam, mas não são sinceras nem resolutas, ou não são fiéis diariamente ao exercício; estas certamente terão que praticá-lo por mais tempo. Outras almas, porém, são mais decididas, mais dispostas, e não há que detê-las demasiado tempo no exercício.

Sempre a Meditação é de grande utilidade. Existem almas que, mesmo depois de haver escalado grandes estados ascéticos e místicos, em períodos de grande secura e aridez, devem voltar ao exercício para tirar algum proveito na hora da Oração Mental.

Para criar o hábito da Meditação, é imprescindível que, especialmente, os principiantes se ajustem a um método determinado. Este método há de ser seguido com constância e tenacidade, perseverando-se nele todo o tempo que seja necessário, segundo a opinião do Diretor Espiritual.

Se bem que haja muitos métodos didáticos de Meditação, é bom decidir-se por um que seja claro e simples; é muito aconselhável o método sensitivo.

A preparação, antes da Meditação, é fundamental e básica. Consiste na eleição prévia do tema adequado que se há de ser desenvolvido, durante a Meditação. Se não se prepara o tema, pode-se perder todo o tempo destinado ao exercício a sua procura. Esta se chama preparação remota.

A Meditação sensitiva divide-se em cinco partes:

1ª) Preparação

2ª) Imaginação

3ª) Sensação

4ª) Propósitos

5ª) Consequências

Não se pode dar a todas as almas o mesmo método para o exercício de Meditação. Os pobres de imaginação necessitam deter-se consideravelmente no quadro imaginativo; podem dividir o tempo da Meditação em três partes: uma preparação, um quadro imaginativo e os efeitos consequentes.

Os muito vivos de imaginação devem encurtar, dentro do possível, a duração do quadro. Há seres de escassa memória; com o objetivo de desenvolvê-la é conveniente que, de tempos em tempos, detenham-se um momento para fazer um esboço mental do objeto da mesma; vão intercalando, por assim dizer, breves quadros imaginativos.

Para facilitar o adiantamento, pode-se pegar um livro espiritual, lê-lo pausadamente e deter-se depois de cada frase para considerá-la. É útil tomar um objeto, como uma flor ou uma imagem devota, observando-o, em todas as suas partes, detidamente e sem pressa, até achar algum estímulo para a observação. As pessoas muito sensíveis, as de viva imaginação e de boa memória, tiram muito proveito destas observações meditativas; para elas é fácil chorar diante de um quadro de dor, gozar diante de uma imagem formosa, assim como irritar-se ou aborrecer-se diante de uma imagem de pecado e feiura.

Os insensíveis, os que demoram para ter efeitos a partir das observações e considerações, devem recorrer à Meditação de colóquio. Devem pôr-se na presença de Deus, da Divina Mãe ou dos Santos Mestres e conversar com eles, confiar-lhes os seus segredos e imaginar que escutam as suas respostas.

Para algumas almas é muito necessária a meditação sensitiva; o ser, tomando os seus sentidos, revigora-os e os orienta para a sua conveniência espiritual. Se, por exemplo, quiser meditar sobre uma rosa, olhe-a bem até que os olhos se impregnem de sua beleza; aspire a sua fragrância, procure sentir o seu frescor na boca, imagine-se apalpando as suas sedosas pétalas e escute o poema de um dia, que só ela sabe recitar.

Santo Ignácio de Loyola, na meditação sobre o inferno, diz a seus discípulos que procurem ver as horrorosas contorções dos corpos que ali se queimam, ouvir as lamentações dos condenados, sentir o putrefato odor de enxofre e imaginar que o fogo queima as suas mãos.

A preparação há de ser breve, como uma aspiração, uma oração, uma troca entre a vida habitual e a vida desse momento,

O quadro imaginativo é de suma importância; há de ser vívido, conciso, claro e indelével, mas breve. Como a imaginação alça voo com suma facilidade, ela deve ser bem controlada. Se o exercício dura trinta minutos, o quadro imaginativo não deve durar mais do que sete. Se o quadro é apresentado com nitidez, a vontade irá paulatinamente apegando-se a ele, dando-lhe por si mesma vida e sentimentos. Estes produzirão efeitos e sensações, sejam de dor ou amor, de purgação ou elevação. Para aproveitá-los, devidamente, deve-se procurar fazer com que não sejam simplesmente objetivos e fugazes, mas que deixem atrás de si algo efetivo, algo que seja como uma fonte à qual a alma possa recorrer durante todo o dia.

Na Meditação Sensitiva, todavia, não é vantajoso o excesso de sensibilidade, pois esta é como as águas do oceano, agitadas pela tempestade: quanto mais altas as cristas das ondas, tanto mais profundos são os abismos. Assim também, quanto mais alto tenha nascido a sensibilidade do discípulo, com tanto mais força será acometido, durante o dia, pela tentação contrária.

Cuidem-se dos propósitos para que não sejam demasiados e impossíveis de se cumprir.

As consequências serão vigiadas, autocontroladas, durante todo o dia.

É preciso meditar em um lugar tranquilo, onde não seja incomodado. Deve-se eleger uma mesma e determinada hora para meditar todos os dias. Deste modo, o subconsciente faz do exercício um hábito; é preferível que esta hora seja antes do almoço ou, melhor ainda, antes de se começar as atividades matinais.

A postura não deve ser nem muito cômoda nem demasiado incômoda. As posições cômodas ou muito incômodas são para os contemplativos de alto voo. Estando sentado, o corpo deve estar erguido, a frente levantada, a cintura sem ajustar, as mãos unidas apertando-se as gemas dos dedos e os braços abandonados e caídos até os cotovelos.

O exercício da Meditação pode ser ativo ou passivo.

É ativo quando a alma necessita realizar um grande esforço para obter as sensações; para isto deve-se valer de diversos métodos discursivos cujos quadros sejam variados e coloridos. Muitas são as palavras que acodem à mente do exercitante e quanto mais fecundo seja o discurso, tanto maiores serão os efeitos da Meditação ativa.

A Meditação passiva é a que pratica o exercitante quando, por causas que não são físicas nem morais, sente um fastio crescente pelos quadros repetidos e pelos muitos discursos e palavras. A meditação é lenta e, quase sem querer, detém-se sobre cada palavra; quanto menos se diz, mais se aproveita.

Uma alma, fazendo o exercício ativo, meditava sobre a vaidade do mundo e, de repente lhe pareceu que o mundo era um buraco imenso, que ia aumentando mais e mais, inspirando-lhe esse vazio enorme um grande aborrecimento por todas as coisas terrenas; isto era um aviso interior de que a alma devia passar da Meditação ativa à passiva.

Em seu devido tempo, portanto, é necessário trocar de exercício.

As palavras devem ser cada vez menos; em lugar de buscar frases para enriquecer o discurso, há de buscar eliminar todas as palavras inúteis e vãs. No quadro, há que procurar fazer uma só imagem e nada mais que uma. Às vezes basta uma palavra para preencher todo o tempo da Meditação.

MEDITAÇÕES METODIZADAS

Nona Ensinança

O método aqui exposto servirá especialmente para os principiantes entrarem no caminho da Meditação e facilitará extraordinariamente este exercício.

1ª Meditação. Tema: A Dama Negra. Efeitos: Aborrecimento

A prática desta Meditação conduz a alma a considerar os seus extravios e as suas faltas e ao aborrecimento dos mesmos: cada ato perverso cometido pelo exercitante se transforma em um quadro vivo que o faz padecer e purgar seus males. Por isso, para que o efeito seja mais tangível, é conveniente que o exercitante se lembre dos fatos, nos momentos e lugares determinados. Da mesma forma, é muito útil considerar, como resultado dos vícios passados, as enfermidades e as dificuldades financeiras, as humilhações e os maus momentos que teve de sofrer.

Luisa La Vallière, a favorita de Luís XIV da França, que foi suplantada no favor real por Mme. Montespan, retirou-se ao convento das Carmelitas Descalças de Paris, onde passou entre penitências e orações o resto de sua vida, a qual terminou em 1710. Quando já era muito velha e acreditava haver esquecido o seu passado para sempre, ao cruzar o pátio do convento, um dia, viu uma jovem noviça que, inclinada sobre a bica de água da fonte, bebia na palma de sua mão. Este quadro lhe trouxe de repente, como numa lufada, a lembrança de quando, jovem e bela, bebia água das fontes dos parques de Versailles, nas mãos em concha de seu amoroso príncipe. A imagem, os fatos e os lugares que ela pensava estarem enterrados para sempre, trouxeram à alma da anciã carmelita um novo e vivo aborrecimento por sua vida passada. Horrorizada, escondeu-se em sua cela e morreu três dias depois, negando-se em todo esse tempo a tomar um só gole de água, como nova expiação desse passado revivido.

2ª Meditação. Tema: O Abismo. Efeitos: Desolação

A alma arrependida perde a sua velha personalidade, tão apegada às vaidades humanas, e o ídolo material que adorava cai despedaçado a seus pés. A tristeza, o desconsolo, a desolação, o tempo perdido em vão, fazem com que ela se encontre só, muito só e como uma estranha em contato com os seus antigos hábitos e costumes; e esta desolação a afasta cada vez mais das velhas coisas. É conveniente praticar esse exercício num aposento escuro e afastado, onde não haja coisas agradáveis à vista. Também, haverá de se abster, durante esse tempo, de passeios, conversas e diversões.

Lutero, apesar de ser frade e sacerdote, não tinha ainda plena segurança de estar na senda da salvação eterna. Uma tristeza infinita invadia a sua alma nas horas de oração. Iam se debilitando rapidamente as suas forças físicas; iam desaparecendo mais e mais e ele já nem saía mais de sua cela. Porém, nessa solidão desoladora, desfez sua velha personalidade que confiava mais nos dogmas e nas cerimônias do que na verdadeira devoção. Compreendeu que somente um coração arrependido e desolado, que sabe, desde o abismo da vida, levantar os olhos ao céu e confiar em Deus, poderia aproximar-se pouco a pouco Dele.

3ª Meditação. Tema: Os Dois Caminhos. Efeitos: Desapego

O exercitante já encontra gosto em aplicar os seus sentidos nas coisas espirituais, enquanto vai afastando-os mais das coisas materiais. É como um viandante que, cansado, olha de longe a meta que quer alcançar e, ao acercar-se, vai se desapegando cada vez mais de recordações,

costumes ao quais estava tão atado. Neste exercício, deve-se empregar bastante tempo, um mês ou dois. Durante esse tempo, o exercitante deve fazer longos passeios solitários, ler biografias exemplares e visitar templos e lugares devotos.

Mejnour não queria falar com Glyndon sobre os seus anseios iniciáticos; desde o início, desde que o inglês chegara ao castelo solitário entre as montanhas, o Iniciado queria que o discípulo fosse se acostumando à solidão, pouco a pouco, para que assim se desapegasse de seu passado e de seus costumes. O único que lhe permitia era que o acompanhasse em suas longas excursões, deixando assim que a natureza despertasse nele o sentido da vida e de sua futura vocação espiritual.

4ª Meditação. Tema: O Estandarte. Efeitos: Eleição

A alma, purgada já de seu passado, lança-se durante esta Meditação em exercícios amorosos; como foi chamada à vida espiritual, elege dentro dela mesma a sua particular vocação. As coisas materiais já não têm importância para ela, pois só lhe interessa cumprir a sua vocação espiritual e a vontade da Divina Mãe. Durante dois ou três meses, tem que dedicar-se a este exercício, afastada de tudo e de todos; alguns, durante este período, se mantêm completamente escondidos do mundo.

Enrique Dunant, genebrino do século passado, depois de haver estado em Solferino em 1859, aonde fora a negócios, ao ver os horrores e desmandos da guerra e os sofrimentos dos feridos, já não pôde viver em paz nem lhe interessaram mais os negócios. O banqueiro se esquece de si mesmo e de suas preocupações financeiras; vive abstraído, como em um sonho; tem a sua vocação única escrita com letras de fogo na alma. É um sonho, uma visão, uma obsessão, um anseio veemente de aliviar os sofrimentos dos feridos da guerra e de fazer com que todo mundo, amigos e inimigos, respeite os feridos, transformando-se assim no célebre fundador da Cruz Vermelha Internacional.

5ª Meditação. Tema: O Templo de Ouro. Efeitos: Consolo

Os afetos sensitivos interiores consolam a alma continuamente. Durante este exercício, o amor é tão imenso, que ela sente ímpetos de comunicar a toda a humanidade a sua felicidade; é como se voltasse ao mundo transformada. A contemplação da natureza, a beleza dos ideais humanos, o esforço das almas para chegar a Deus inundam-na de intenso regozijo. Tudo o que é material, ela o embeleza com a força espiritual; encontra consolo no trabalho, na ajuda e no bem realizado ao próximo. Diversos meses são usados neste exercício.

Chaitanya, nascido em 1485 e falecido em 1553, é o grande enamorado de Krishna, sente em si as chamas do Divino Amor e não pode se deter. Sai de sua solidão e corre para pregar, pelos caminhos de Bengala, o Amor divino. Canta, grita e apregoa e convida todos para o banquete do Amado.

6ª Meditação. Tema: O Véu de Ahehia. Efeitos: Gozo

A alma é inundada por torrentes de prazer e seu peito, durante a meditação e até fora dela, enche-se com o desconhecido e soberano amor; irrisórias parecem as lutas passadas e o tempo da prova.

Cassiano, o pai dos monges do Ocidente, afirma que a verdadeira oração é um intenso amor a Deus por Ele mesmo, sem espera de recompensa e sem importarem ao discípulo as lutas, os sofrimentos, nem o que lhe possa acontecer. Ao contrário, parecem coisas insignificantes e sem nenhuma importância, se comparadas ao Divino Amor.

7ª Meditação. Tema: A Ressurreição de Hes. Efeitos: Arroubamento

Durante este exercício, a alma chega a uma comunicação total entre a sua sensibilidade e a sensibilidade divina.

Margarida Maria Alacoque foi visitada por Jesus em visão, o qual lhe pediu o coração. A santa o entregou e Ele o introduziu em seu Sagrado Coração; ela viu como o seu coração se consumia nas chamas do Divino Amor, como se fosse um pequeno átomo, confundindo-se com o Coração Divino. Jesus o devolveu depois, purificado e em forma de uma chama ardente, ficando assim selada entre os dois a Divina União.

A CONCENTRAÇÃO

Décima Ensino

A Concentração é um dom exclusivo da mente, um poder psicomecânico do pensamento para manter e fixar atentamente uma ideia. Este dom nada tem que ver com a bondade do coração nem com as aspirações espirituais da alma.

Este exercício é, entretanto, muito útil porque é uma etapa para a conquista da realização, uma peça da grande alavanca que há de mover a vontade para que se alcance a consciência divina.

O homem está determinado e limitado por seus vórtices mentais, os quais continuamente se levantam do cérebro em forma de torvelinhos circulares, adquirindo cor, expressão, forma e materialização, segundo o poder de sustentação dos mesmos.

O homem, ao emitir suas forças mentais, fica sujeito às mesmas, sejam elas produzidas por sua mente subconsciente ou por sua mente racional; e também por aqueles pensamentos que são elaborados por outros cérebros e que o afetam direta ou indiretamente.

A concentração domina esses vórtices, pois ela exclui da mente todo pensamento, imagem ou entendimento, já determinado, fora de si mesmo. A concentração é o dom de uma imagem única, de um desejo único, de uma vontade única. Alguns afirmam que este exercício não é indispensável; porém isto só pode aplicar-se àquele que já tem sua mente dominada e sossegada.

Quando o candidato estiver apto no exercício da Meditação e tiver explorado os caminhos internos da afetividade e da sensibilidade até sentir-se incapaz de nenhuma emoção que não seja volitiva, passa ao exercício da concentração. Para passar de um exercício a outro, contudo, é necessário padecer e sofrer.

Na hora em que a mente começa a conhecer a si mesma, impulsionada pela sensibilidade da meditação, um leve fastio penetra no coração do discípulo: os suaves gozos, os doces colóquios perdem, pouco a pouco, seu poder. Ao meditar, já não encontra gosto algum e unicamente desejaria ficar ali quieto e sossegado.

A prova da concentração é compreensiva; é uma função exclusiva da memória e do entendimento que lutam contra a vontade pura e vazia de tudo. Contínuas distrações atormentam o discípulo nas horas de recolhimento; a aridez e a dúvida são o pão amargo de todos os dias e uma angústia profunda o atormenta, enquanto crê estar malgastando o seu tempo e haver perdido o seu bem. É necessária aqui uma ação forte e decidida do Diretor Espiritual para que o discípulo entre resolutamente no campo da concentração.

Assim que entrar nesse vasto campo de ação mental, é necessário que o discípulo vá aprendendo todos os métodos, todas as dificuldades e o modo de determinar a fixação do pensamento.

O discípulo considera, observa e fixa diversas imagens mentais durante o exercício da meditação, porém a Concentração não admite mais do que uma só; o sujeito e o objeto são os únicos existentes; tudo desaparece tudo perde seu interesse e a mente expressa o vórtice da imagem única.

Porém, antes de chegar a isto, é indispensável uma infinidade de exercícios; todos, certamente, indicados pelo Diretor Espiritual. São aconselháveis métodos de postura, métodos

de vocalização, de repetição de palavras reconfortantes e muitos outros exercícios externos que habituam o corpo e a mente a se concentrarem sobre um só ponto. No início, não só o discípulo padece pelo bem sensível que perdeu, mas sente-se, também, agravado por dores físicas, pois os órgãos se renovam junto com as novas ideias e necessidades do aspirante.

O físico, dolorosa e paulatinamente, responde ao fervoroso anseio e chamado das exigências da hora. Nesse tempo, padecem-se dores físicas, congestões sanguíneas, apetite anormal e distúrbios nos órgãos digestivos e sexuais. Aquele que sabe sobrelevar e vencer todos estes inconvenientes pode estar seguro de que seguirá adiante.

As glândulas endócrinas segregam, pouco a pouco, forças novas, os gânglios se fortalecem; os plexos se ativam com novas vibrações positivas e os vasos sanguíneos se normalizam através de um passivo relaxamento; ocorre algo assim como se invisíveis operários cobrissem os antigos caminhos para serem abertos outros novos, mais amplos, mais adaptáveis; e essas mudanças fisiológicas são as que tanto fazem o discípulo padecer durante esta prova.

Quando já superou e venceu estes primeiros passos da Concentração, o discípulo, com um corpo mais disposto, começa a poder permanecer mais tempo com a sua mente fixa sobre um só objeto.

A Concentração, em lugar de efetuar-se sobre vozes ou formas externas, realiza-se sobre partes internas do ser; alguns Diretores Espirituais aconselham efetuá-la de preferência sobre o órgão do coração, outros sobre os pulmões, outros sobre o plexo solar, e assim sucessivamente.

Mais adiante, o exercício se efetua sobre uma imagem abstrata, como ser: Vontade, Fé, Paciência etc. até que o discípulo chegue a concentrar-se sobre um ponto e ali permaneça suspensa a sua mente durante um tempo mais ou menos longo. Há de aprender a ser como um raio de luz sobre a ponta de um alfinete.

ENTRADA NO SILÊNCIO

Décima primeira Ensinança

A concentração consiste em conseguir que a matéria mental não tome nenhuma forma para que adote uma só forma.

A concentração se efetua de duas maneiras: uma objetiva e outra subjetiva. Uma, como expressão da vontade, que atua sobre um sentido ou sobre uma forma determinada; outra, como um estado de consciência mental abstrata e superposta a todos os sentidos.

Os objetos da Concentração são: 1) Eliminação de toda obstrução interna e externa. 2) Prática constante de determinados exercícios. 3) Acumulação de energia.

Primeiro se pratica a concentração objetiva, com resultados diretos, como expressão da vontade.

A eliminação de obstruções internas e externas purifica o corpo, transforma o sangue e os tecidos, afina os cordões nervosos e os vasos sanguíneos e estabelece um contato mais harmonioso entre o corpo físico e o corpo astral.

A prática constante de determinados exercícios desenvolve os poderes psíquicos.

A acumulação de energia faz com que toda a potencialidade se recolha em si mesma no depósito dos centros e dos plexos para que o discípulo a use no momento determinado.

Os exercícios que conferem poderes psíquicos são diversos e são o resultado da concentração objetiva.

Alguns Mestres consideram estes poderes como produtos da contemplação iluminativa, e outros, como o fim mais apreciado do Caminho de Oração; porém os poderes psíquicos não devem ser mais do que uma etapa que, de modo algum, indique o estado de União Divina. À medida que o discípulo for progredindo no caminho da Concentração, verá os efeitos prodigiosos destes exercícios.

Durante o tempo da Meditação aprendeu, por exemplo, a olhar atentamente o mar e a querê-lo; mas na concentração, aprende a atirar a sua força mental no mar, fazendo-o produzir uma ondulação cada vez maior e mais forte.

A Concentração não é a ideia em si, mas é a força da ideia. Quando é objetiva, carrega a imagem central sobre a qual está fixa com um contínuo poder, até torná-la resistente, ampla e viva. Se as imagens centrais são diversas, chocam-se entre si por contraste, travando entre si uma guerra feroz. Quando a imagem mental é uma só, faz-se potente e ampla, transforma-se no próprio sujeito e a Concentração se torna subjetiva.

A vontade do homem ainda não tem poder; a Consciência Divina atua soberana, na alma. Então, ela não é o refletor da imagem-centro, mas é o próprio centro, a própria imagem.

Deus ideou o universo; viu que o universo era bom e o amou; por isso se fez o centro de sua imagem criadora e ficou preso nela. Divino prisioneiro de amor, que não poderá se libertar enquanto um só átomo da força que animou Sua ideia permanecer no cosmo.

Todos os seres possuem o dom da Concentração, porém usam-no animados pela contínua ilusão do desejo, dando vida e força, constantemente, a diversas e variadas imagens mentais;

estas lutam entre si mediante o poder que lhes foi dado, gastando a energia do homem e sem permitir-lhe uma verdadeira Concentração.

Mas, quando a mente tem uma só ideia, uma ideia integral e ela é o centro e a finalidade do ser, então a concentração é boa e perfeita.

A passagem mística da Concentração objetiva para a subjetiva é chamada: Entrada no Silêncio.

EXERCÍCIOS DE CONCENTRAÇÃO

Décima segunda Ensinança

Primeiro exercício: Nas horas matinais, em um lugar afastado e tranquilo, o estudante senta-se com o corpo e a cabeça bem erguidos e as mãos abandonadas sobre os joelhos. Vocalizará lentamente alguma fórmula sagrada ou uma palavra construtiva de sua preferência, imaginando ver-se rodeado por uma cor amarelo-ouro. Quando estiver bem sossegado, concentrará a sua mente, com todas as suas forças, sobre a planta dos pés, todo o tempo que lhe seja possível, respirando ritmicamente. Também pode concentrar-se sobre a ponta do nariz. Após um tempo prudente, deverá permanecer tranquilo, com os olhos semicerrados, procurando não pensar em nada.

Segundo exercício: O discípulo, em pé, com as mãos colocadas na nuca e com o pé esquerdo levantado à altura do joelho direito, concentrará o seu pensamento sobre o umbigo, olhando para esta parte do corpo fixamente. Também, nessa mesma postura, pode concentrar-se sobre os lábios ou permanecer por um longo tempo com a ponta da língua colada no palato. Da mesma forma, pode, estando sentado, com as mãos sobre os joelhos e os olhos fechados, procurar ver uma cascata de água e pronunciar palavras de valor, resistência e fortaleza.

Terceiro exercício: Pratica-se de manhã, ao nascer do sol. O estudante deve colocar-se com o busto descoberto, olhando o sol nascente, buscando não afastar os olhos, não piscar, nem se deixar levar pela sonolência. Depois de um quarto de hora deste exercício, baixará a vista, olhando fixamente a boca do estômago e respirará fortemente pela fossa nasal direita. Outro exercício similar a este é fechar os olhos, de costas para o sol, imaginando ver o horizonte vermelho e permanecer com o pensamento fixo nessa ideia.

Quarto exercício: O discípulo, ao pôr do sol, deve sentar-se comodamente em um lugar afastado e sereno, se possível em um templo ou à sombra de uma árvore, como um pinheiro, um carvalho, uma bétula ou um talá. Colocar as mãos, postas uma sobre a outra, suavemente, sobre os joelhos, e manter os olhos entreabertos, o busto ereto e a cabeça ligeiramente inclinada para frente, procurando ver, imaginativamente, o rosto da Divindade e pronunciando muito devagar seu nome divino. Este exercício há de ser repetido muitas vezes até que se consiga ver, sem esforço, a imagem desejada. Também, em vez do rosto da Divindade, pode-se imaginar um círculo branco como uma Hóstia Sagrada, olhando-o fixamente, até que sobre ele se projete a imagem divina.

Quinto exercício: O exercitante em pé, olhando para o levante, estenderá os braços em cruz repetidas vezes, pronunciando, em cada vez o nome de Deus; depois fará setenta e sete genuflexões, reverenciando outras tantas vezes o nome divino. Depois, sentado em cômoda postura com as pernas cruzadas, os cotovelos na altura dos quadris, as mãos em forma de taça com os polegares e indicadores unidos, respirando profundamente, imaginará ter diante de si, em um quadro branco, o nome de Deus, escrito com letras de ouro e o lerá continuamente. Outro exercício consiste em tapar os ouvidos com os polegares, os olhos com os indicadores, as fossas nasais com os médios, e a boca com os anulares e mínimos, retendo a respiração tanto quanto seja possível e procurando ouvir, dentro de si, o Grande Nome.

A CONTEMPLAÇÃO

Décima terceira Ensinança

A Contemplação é o passo definitivo que a alma dá desde a Ascética até a Mística.

É chamada Ciência secreta de Deus e Dom Divino porque, a esta altura do desenvolvimento espiritual, a alma é diretamente ilustrada pelos Mestres; por isso alguns creem e asseguram que ela é um dom, uma graça dada somente para algumas determinadas almas privilegiadas, e que nem todas, nem mesmo as muito adiantadas, podem pretender chegar até aqui. Nada mais equivocado. Todas as almas são chamadas ao caminho de contemplação, porém tem que se esforçar e lutar constantemente para chegar a este estado, porque a contemplação é um resultado invariável ao qual se chega pela prática constante dos exercícios de Meditação e de Concentração e das virtudes ditadas pelo Desenvolvimento Espiritual.

A oração continuada, a prática das virtudes, o autocontrole que determina a Vida Interna é o esforço ascético que prepara a alma para se obter como resultado o dom místico da Contemplação.

A Contemplação, ao libertar o ser dos laços da separatividade, faz com que este, por um conhecimento amoroso da Divina-Presença, sintam-se de tal modo Habitado por Ela, que fica todo transformado. A alma, por um esforço volitivo e por um conhecimento mais amplo de si mesma, volta à Unidade Essencial, à Consciência Cósmica.

Este estado, não se consegue plenamente em um único momento. Às vezes, durante as horas dos exercícios, ou também durante o dia, a alma se encontra como se tivesse sido raptada, suspensa, toda posta em Deus, com um grande amor e recebendo luzes de extraordinário conhecimento. Isto, além de ser muito breve, às vezes só acontece muito esporadicamente. Nem por isso, há de deixar os outros exercícios nem crer que se tenha alcançado a finalidade perseguida. Costuma demorar muito tempo, para as almas chegarem a uma perfeita Contemplação. Porém, esses breves raptos deixam o ser tão fortemente impressionado que, em geral, a sua Meditação consistirá exclusivamente em voltar a pensar naqueles ditos momentos. Todos os exercícios, por elevados que sejam, não deixam na alma uma verdadeira satisfação interior. Às vezes, até as visões astrais se tornam incômodas, porque a alma só desejaria estar ali, quieta, unicamente com Deus.

O estado de Contemplação, como resultado, por pequeno que seja, concede um extraordinário amor às virtudes; o ser as pratica tão espontaneamente que já não lhe custa trabalho e são como a sua segunda natureza. É como se a Divindade levasse a alma pela mão e a fizesse executar sempre o melhor.

Porém, na maioria das vezes, depois de um tempo razoável, a alma fica conquistada definitivamente; sua oração é pura contemplação. Sem querer, até na hora que não é de exercício, ela fica absorvida em Deus e, quando não sente um gozo manifesto, a desolação de achar-se separada do Sumo Bem a une também a Ele pela grande dor e pelo tormento que experimenta.

Para as almas que começam o caminho espiritual, isto lhes parece muito difícil de alcançar; mas é justamente o contrário. Uma vez que se entreguem a Deus com sinceridade e comecem a encontrar deleite nas coisas espirituais e na oração, verão que este é o único bem e a única aspiração à qual podem tender: encontrar Deus, fazer da alma um Templo para a morada da Divindade.

A MORTE MÍSTICA

Décima quarta Ensinança

A Contemplação pode ser Tenebrosa ou Iluminativa. Em realidade, estas divisões são arbitrárias porque não podem ser determinados exatamente estes dois estados. A alma, na verdade, vai-se fazendo mais contemplativa e fica absorvida por esse santo exercício por um tempo cada vez maior.

Todas as almas perfeitas estão chamadas à Contemplação, progredindo nela à medida em que se adiantam nas práticas das virtudes. Disse Cassiano que cada alma se eleva na oração, segundo a pureza que tem. Esta pureza interior afasta a alma cada vez mais das coisas exteriores e mundanas, fazendo-a desejar o seu íntimo recolhimento, despojando o seu coração de todo afeto e a sua mente de toda imagem. A natureza inferior fica completamente a descoberto; o que atava tão fortemente o ser, reconhecido já em sua verdadeira natureza, não tem agora força alguma.

A Contemplação Tenebrosa é, portanto, aquele estado através do qual a alma, pouco a pouco, se entrega totalmente a Deus.

No início, é curto o tempo em que o discípulo fica nesse estado e é mais por temor de sua humana natureza que recusa, subconscientemente, a permanecer muito tempo nele.

O coração, ao sentir desapego e intenso desapixonamento, encontra-se vazio.

É chamada Contemplação Tenebrosa porque é como uma verdadeira morte, noite profunda cheia de trevas, na qual a alma se sente só e afastada de todos. Como ainda não está acostumada a esses altos voos, ali se detém, sobre o umbral da luz infinita, engeuecida por tanto esplendor, que é treva para ela. São Dionísio Areopagita chama-o de "Raio de Treva".

Uma vez, um discípulo adiantado perguntou a seu Mestre qual exercício poderia adotar para conseguir o vazio da mente que o tornasse apto para a Contemplação. O ancião lhe respondeu: "Pensa continuamente no sudário que levarás em tua sepultura."

As potências mentais já não podem raciocinar e, como é a vontade pura e concisa a única que permanece ali na Presença de Deus, a alma se sente invadida por um imenso e santo temor. A mente, ao limpar-se de todo pensamento e ao afastar toda imagem, ao sentir nas trevas, desconhecidas para ela, o esvoaçar do suspiro do Eterno, pavorosamente retrocede, aferrando-se à separatividade. As imagens que a consciência pessoal reflete sobre a tela ilusória da vida individual não querem perder seu trono, e a própria vontade treme ao ver que há de seguir, desnuda e só, o caminho do Absoluto.

Este estado não é, como creem alguns, unicamente uma graça concedida pela Consciência Divina que atua na alma e que ela traz desde o seio da Eternidade, mas é o esforço consciente da vontade que chega por seus próprios meios à Consciência Divina.

Mas, pouco a pouco, a alma se habitua à Divina Presença e a Morte Mística é seguida pela ressurreição: à Contemplação Tenebrosa segue a Iluminativa.

A Mente Superior que permanecia - em um sentido alegórico - imóvel, enquanto a razão e o instinto atuavam com predomínio, manifesta-se agora, amplificando tudo.

A alma goza e permanece cada vez mais diante da Divindade e sua oração se faz cada vez mais passiva. Não perde os sentidos, mas estes ficam em suspenso e, através do esforço do

hábito, a mente instintiva com as suas sensações e a mente racional com as suas vibrações apaziguadas gozam, por participação indireta, a Divina Presença. Apesar de as potências inferiores poderem participar dos efeitos dessa iluminação, jamais poderão chegar a explicá-las.

Este autorreconhecimento adorna o ser com uma capacidade suprassensível e com um saber extraordinário chamado "Ciência Infusa".

Não se deve crer que a Contemplação Iluminativa, que pertence à Mente Superior, seja a própria luz; esta é unicamente propriedade do Espírito e da União Divina. Não obstante, está tão perto dela que parecer ser dela, pois a Contemplação Iluminativa é a ponte de conexão entre a alma e o Espírito que conduz às Místicas Bodas.

A Contemplação é, à guisa de exemplo, um profundo abismo de luz, largo, imenso, onde não pode chegar reflexo de forma alguma, o qual em nenhuma parte tem fim e que, absorvendo em si a alma, esconde-a em sua luminosidade, impregna-a de si mesmo e lhe transmite o grande segredo do conhecimento e do amor.

Quando a alma, por um tempo mais ou menos longo, não experimenta esses estados sublimes, sofre vivissimamente e todo seu desejo é voltar a senti-los e ficar ali, pacífica e imutável, toda unida a Deus.

Aqueles que chegam a este ponto tem uma verdadeira repugnância de comunicar seus estados a outras pessoas. Como reconhecem, não por soberba, mas por lógica intuição, a sua superioridade sobre os demais homens, sabem que ninguém poderá entendê-los; por isso são pouco conhecidas as almas que possuem estes dons, pois mantêm o seu segredo entre elas e seu Diretor Espiritual.

O segredo e a discrição que as escolas filosóficas recomendam a seus discípulos são compreendidos aqui plenamente. A alma cala, não porque o calar lhe tenha sido imposto, mas porque uma tendência interior lhe comunica a grande verdade: a raiz para frutificar há de permanecer oculta na terra. Se se deixa destampado o frasco de perfume, seu aroma se evapora.

A alma há de chegar a compreender o valor da solidão e guardar com fidelidade seu doce segredo; há de permanecer toda escondida em seu Templo interior com o Eterno Solitário de Amor: Deus, que unicamente se comunica com as almas puras e sós.

A UNIÃO

Décima quinta Ensinança

Na União, a alma se transforma em Deus. Ela fica como deificada: os véus sutilíssimos que rodeiam a Mente Superior e que constituem a parte mais elevada do ser desaparecem momentaneamente, durante o ato da Suprema Realização, como se o Espírito absorvesse e transformasse por completo a alma.

Naturalmente, esta União, este contato direto com o Espírito Cósmico, é instantânea. Se o ser persistisse nesse estado divino, o corpo e as formas físicas que o rodeiam seriam desfeitos em miríades de átomos que se reintegrariam ao grande depósito universal.

Ao irromper na alma, o oceano de Luz Eterna penetra nela até nos seus mais ocultos rincões; a lâmpada desaparece e só permanece a chama. Tudo é iluminado, até as partes mais desconhecidas onde as experiências do ser são guardadas, juntamente com as suas reservas de possibilidades. Tudo, absolutamente tudo, fica a descoberto e tudo desaparece dentro da Luz Divina.

A Divina União, no entanto, também tem diversos matizes. Apesar de ser arbitrário dividir a União em partes, pois não há, é bom fazê-lo para a compreensão do estudante. Pode-se “dividir” a União em quatro partes:

- 1ª.) União de isolamento passiva
- 2ª.) União de isolamento ativa
- 3ª.) União essencial passiva
- 4ª.) União essencial passiva na atividade

A União de isolamento é como se a alma fosse, pouco a pouco, se acostumando com o contato divino. O Espírito do Amado visita a sua prometida, desposando-se com ela, em um sublime noivado.

São admiráveis os pormenores que acompanham o discípulo, antes ou pouco antes de se verificar esta grande Realização. Está como aquele que nem goza, nem sente, nem sabe, isolado, por sua vontade, de todas as coisas do mundo. Sua alma é como uma estrela fixa, como uma idade sem fim, como um prisioneiro libertado. Seu coração tem movimentos repentinos que o fazem estremecer dos pés à cabeça e é como se fosse deixar de viver de um momento para outro; mas, subitamente, as potências deixam toda atividade, a alma não tem conhecimento algum, fora da segurança de estar unida com Deus, e fica presa do Divino Amor. Esta União de isolamento, que é um estado absolutamente passivo, dura pouco tempo; às vezes uma ou duas horas.

De volta a seu estado ordinário, passa o discípulo ao segundo estado de União, que é a União de isolamento ativa. Não pode afastar de sua memória a doce recordação; sua alma tem a certeza de haver realizado a União com Deus e esta doce segurança o acompanha continuamente, de dia e de noite, sem se afastar jamais de sua vista.

O terceiro estado, o de União essencial passiva, é a Boda Espiritual da alma com Deus. Nesta, a Chama Divina queima de tal modo todas as coisas exteriores que o ser permanece como morto para o mundo; unicamente a raiz da existência permanece. Muitos discípulos, nesta Divina União, permanecem durante vários dias como mortos; cruzaram a grande borda da vida e estão unidos à Eternidade. O corpo é como uma casa desabitada que pende no espaço sem sustento. Está atado ao Espírito unicamente pelo fio dourado da semente da existência.

Nesta União não há nem forma nem semente que atem à lei de causa e efeito; todo o azeite está na superfície de água.

Nela o Universo é extinto, nem sequer o espaço existe. As ideias não são mais que sombras flutuantes sobre o profundo e obscuro perfilar-se do absorvente Espírito. O que é ali a débil consciência do Eu? Nada mais do que o fio da existência, também interrompido pela Eternidade.

A alma, quando volta a si, entra na União essencial passiva na atividade. Já não é ela que vive, mas é Deus quem vive nela. Esteve libertada dos laços da carne por um momento e já não voltará a ser o que era. Até mesmo a sua vestimenta física está transformada em Deus; está como deificada. Viu por um instante o Arcano de Deus, a Luz Impessoal, e compreende agora a ilusão e a vaidade de todas as coisas existentes.

Para ela não existe a dualidade, o espaço infinito e o finito não são mais do que uma só coisa. Acima das palavras, acima da mente, mais além de tudo, está unicamente o Eterno.

Volta a abrir as portas que dão para a vida, mas tão somente para esperar o dia em que será libertada definitivamente, suportando o desterro para ajudar àqueles que ainda não chegaram ali.

SÍNTESE DOS GRAUS MÍSTICOS

Décima sexta Ensinança

Todas as normas que se foi traçando para alcançar a União Divina têm suas exceções.

Há almas que nunca conheceram a Meditação e outras que, ignorando os exercícios de Concentração, têm chegado, no entanto, a uma perfeita União com Deus. Querer impor essas normas a todos, indistintamente, é não saber que cada alma é um mundo à parte, que cada alma necessita de suas próprias regras e de um especial desenvolvimento para chegar à meta.

Quando se quer impor determinadas regras, estas podem ser boas para algumas almas, mas contraproducentes para outras. É necessário muita ductilidade, muito discernimento e muita discricção para encontrar a tocha que há de acender, na alma, o fogo da vida mística.

Entretanto, na maioria das vezes, o discípulo necessita praticar todos os exercícios para se predispor para a União Divina.

O interesse, a atenção, em uma palavra, a Meditação Discursiva, habilita o pensamento para uma determinada imagem; mas a oscilação mental que ela produz desaparece, tão logo cessa o discurso.

Supre esta ausência a Meditação afetiva que, por amar a imagem provocada, o discípulo volta uma e outra vez a fixar-se sobre a mesma. Formam-se nela muitas pequenas oscilações mentais, mas com os vórtices que emite habitualmente o pensamento, não há capacidade para a Realização.

A onda mental há de fazer-se cada vez mais intensa e sustentada, até repercutir em todo o âmbito universal.

Por isso, passa-se da Meditação afetiva à Concentração sobre a imagem ideada. A Concentração faz com que a mente se mantenha fixa sobre a dita imagem e carrega a onda mental com a substância cósmica que a habitua a manter-se. Ainda assim, terminada a Concentração, desaparecem os efeitos da mesma; mas ao voltar uma e outra vez a concentrar-se, o vórtice mental se torna tão amplo e sustentado que contempla a imagem forjada em todas as suas partes, em todas as suas formas, em todas as suas medidas e a imagem conhecida é arrebatada pelo vórtice.

Em uma palavra: o objeto se transforma em sujeito.

É quando, então, a mente já não pode se afastar do que conquistou, porque está ali, sempre presente e sempre vivo, em um estado permanente de União.

No entanto, também para aqueles que seguem todo o processo descrito, é mal atar-se à regra que os tenha levado até o fim do Caminho.

Assim como a experiência potencial sempre forja um porvir de felicidade, a experiência prática é um estorvo no caminho do adiantamento.

Acontece que há almas que praticaram todas as regras da Meditação, da Concentração e da Contemplação, recebendo imensos benefícios e bebendo a grandes sorvos o Êxtase do Divino Amor. Porém, a predisposição regulamentar que as levou à União se transformou em hábito e, às vezes, é uma causa de atraso, uma muralha impenetrável que as impede de passar ao conhecimento total da mística e estabelecer-se em um ponto definitivo da União permanente.

A alma verdadeiramente sábia é livre sempre; toma e dá, usa e abandona, fazendo isto até com as maiores regras da vida interior.

O difícil de determinar é o momento oportuno em que se deve arrojá-las; é saber qual é o instante em que os meios utilizados podem ser substituídos pelo esforço próprio da vontade-consciência.

No oceano da vida há que entrar desnudo de tudo; ninguém chegará a penetrar no Sancta Sanctorum sem antes haver se desfeito do que lhe tenha servido para a experiência, inclusive as mais sagradas e solenes.

Tudo, absolutamente tudo, até o Mestre mais perfeito, é somente um companheiro de viagem na Senda Mística, ao qual há que abandonar, quando a luz que ilumina se transforma em impedimento que obstaculiza a outra luz que surgiu detrás D'Ele: a Luz Eterna.